



Gracinda Ramos

Memórias com sorrisos e gratidão

Em outubro de 1968 iniciei a minha atividade profissional no Serviço de Estatística do então MCPS (Ministério das Corporações e Previdência Social) com a categoria de calculadora de 2ª classe do FDMO (Fundo de Desenvolvimento da Mão de Obra). Havia um bom ambiente de trabalho. Eramos todos estudantes universitários. Aliás, essa era condição *sine qua non* para o ingresso. O ambiente de trabalho era excelente e tínhamos como Diretor de Serviços um homem que era um humanista, o Dr. António Roque Antunes. Por estes motivos, poderei dizer que desde logo fui bafejada pela sorte.

Em 1975 a minha coordenadora foi para a Direção Geral do Comércio Interno. A seu convite, integrei os quadros daquela Direção Geral onde trabalhei cerca de um ano, findo o qual regressei ao Ministério do Trabalho, agora para a Direção Geral da Promoção do Emprego - DGPE.

Uma vez mais, na DGPE, tive a sorte de voltar a ser chefiada por uma pessoa excecional, com enorme capacidade de trabalho, inteligência invulgar, muito acima da média e uma empatia de destaque. As nossas funções eram essencialmente a análise económico-financeira de empresas que tinham solicitado apoio financeiro para a criação de postos de trabalho ou para a sua reestruturação e, assim, evitar despedimentos. Muitas vezes a situação era complexa e necessitávamos de apoio. Pedíamos uma reunião com o nosso chefe, o qual, na sua preenchida agenda, conseguia sempre uns minutos para ouvir as nossas dúvidas, as nossas propostas e dar-nos a sua apreciação. Se fossemos rápidos nas notas que tirávamos, saíamos com a informação de serviço praticamente feita. A enorme competência técnica

deste dirigente, o espírito de rigor, e bondade extrema, marcaram positivamente muitos e muitos funcionários.

Aqui deixo a minha mais sentida homenagem, partilhada seguramente por muitos, a este grande senhor, Dr. Acácio Catarino.

Os anos foram passando, e em 1979 nasceu o Instituto do Emprego e da Formação Profissional - IEFP que integrou as atribuições da DGPE, do Serviço Nacional de Emprego e do Fundo de Desenvolvimento de Mão de Obra.

Numa estrutura mais pesada nem sempre, a nível dos recursos humanos, nos sentíamos como desejávamos. Os concursos demoravam anos e não vislumbrávamos uma possibilidade de progressão.

Foi nesta altura que achei ser o momento de ter uma nova experiência: pedi uma licença sem vencimento e ingressei nos quadros duma sociedade bancária. Foi uma vivência interessante, mas, em janeiro de 1990, tinha chegado a altura de voltar ao IEFP, desta vez para a Delegação Regional de Lisboa e Vale do Tejo - DRLVT.

Ali voltei a sentir-me afortunada. Nas funções que exerci tive oportunidade de trabalhar direta ou indiretamente com pessoas fantásticas, que recorro com carinho e admiração. Tive a oportunidade de trabalhar e muito aprender com o Delegado Regional de então, Dr. Henrique Marçal. Era uma pessoa com visão, com uma mentalidade gestora muito à frente da prática vigente. Relembro, também, o Dr. Ismael Santos, outro grande senhor cuja experiência e rigor eram uma referência. Não posso deixar de destacar o Dr. Maximino Oliveira, sempre pronto a apoiar e ajudar todos os colegas numa altura que foi tão difícil para toda a área financeira do IEFP: a implementação de contabilidade “analítica”. Era necessária a prestação de contas para financiamento da formação profissional sobre cada uma das ações de formação. Num organismo com milhares de ações ministradas por todo o país, e em que a informática não tinha os automatismos de hoje, era uma tarefa titânica. Na DRLVT desempenhei o cargo de Diretora Administrativa e Financeira durante quase 6 anos muito trabalhosos, mas muito gratificantes no acompanhamento da gestão das unidades locais.

Mais tarde, já no Departamento de Formação, exerci o cargo de Diretora de Serviços de Coordenação da Atividade Formativa. Foi aí que tive o privilégio de acompanhar algumas alterações muito relevantes, ao nível dos programas de formação, que ocorreram no final dos anos 90. A reestruturação dos programas deu origem às unidades capitalizáveis e mais tarde aos módulos de formação. Esta alteração representou, então, uma inovação na abordagem aos percursos profissionais e criou uma base estruturante para as alterações que se vieram a concretizar mais tarde, designadamente, nas certificações parciais ao nível dos Centros Novas Oportunidades e na conceção teórica dos percursos flexíveis adaptados às

necessidades de certificação. Gostaria de salientar o papel determinante duma colega que infelizmente já não está entre nós, a Eng^a Clarisse Tomé, que foi fundamental para o sucesso desta reestruturação.

Ainda no âmbito da missão daquela Direção de Serviços, acompanhei e coordenei a atividade dos Centros de Gestão Participada, também conhecidos por Centros Protocolares porque a sua criação resultou da assinatura de um protocolo entre o IEFP e as entidades que, em parceria com o IEFP, colaboram na gestão desses Centros.

Foi, precisamente, num desses centros que terminei a minha atividade profissional, como Diretora do Centro de Formação Profissional do Sector Alimentar. Foi muito desafiante principalmente pela abrangência de áreas que são trabalhadas, desde a gestão das áreas administrativa, financeira, recursos humanos, aprovisionamentos, até à área do “negócio”, propriamente dita que é a formação

Foi durante esse período, que tive o privilégio de, em parceria com os colegas representantes do IEFP e do outorgante SITESE – Sindicato dos Trabalhadores do Setor de Serviços (restauração e bebidas) trabalhar com o comendador Mário Pereira Gonçalves, naquela época, presidente da AHRESP - Associação da Hotelaria, Restauração e Similares de Portugal.

O Comendador Mário Pereira Gonçalves presidiu a AHRESP durante 40 anos. Foi uma figura de excelência na restauração, gastronomia e turismo e desempenhou um papel fundamental na criação do CFPSA, tendo sido o seu contributo muito importante para a implantação do Centro a nível nacional.

De referir, ainda, a oportunidade de participar noutros projetos, na sequência de convites dirigidos ao Centro, os quais tive muito gosto em aceitar.

Por fim, chegou a hora da aposentação. Posso afirmar que fui afortunada profissionalmente. Cruzei-me com pessoas com quem muito aprendi e foram muitas aquelas com quem criei laços de amizade, tão importantes para o meu desenvolvimento pessoal. São amigos que perduram no tempo e trazem sorrisos para o meu caminho.